

Alguns conceitos iniciais

Redes sociais podem ser entendidas como um tipo de relação entre seres humanos pautada pela flexibilidade de sua estrutura e pela dinâmica entre seus participantes. Apesar de relativamente antiga nas ciências humanas, a ideia de rede ganhou mais força quando a tecnologia auxiliou a construção de redes sociais conectadas pela internet, definidas pela interação via mídias digitais.

Entre outros elementos, redes são definidas por seu caráter horizontal, desprovido de uma hierarquia rígida.

Ao longo da história vários tipos de organização social foram desenvolvidas, cada uma delas fundada sobre um tipo específico de vínculo ou laço, isto é, o elemento que forma a base da convivência. Na família ou com os amigos, por exemplo, o vínculo principal é o afeto, enquanto nas religiões um dos laços principais é a fé compartilhada entre os adeptos, e nas empresas vínculos se pautam no desejo comum de sucesso.

Nas redes, por sua vez, os laços tendem a ser menos rígidos. Em geral, são formados a partir de interesses, temas e valores compartilhados, mas sem a força das instituições e com uma dinâmica de interação específica.

Embora seja geralmente utilizada para falar de agrupamentos sociais *online*, a noção de “redes sociais” é um conceito desenvolvido pelas Ciências Sociais para explicar alguns tipos de relação entre pessoas. O uso da noção de “redes sociais” no ambiente da internet significa transpor um modelo de análise social para o espaço virtual, o que requer algumas mudanças no conceito.

O primeiro problema é a definição de um nome. Nesse sentido, vários autores desenvolvem sua maneira de compreender e nomear o fenômeno — “redes sociais *online*”, “redes sociais digitais”, “redes sociais conectadas”, e assim por diante. Discutir em detalhes a razão de cada escolha estaria além

dos objetivos e do tamanho deste livro – os termos, com os riscos que isso tem, serão usados como equivalentes apenas para evitar repetição, não como sinônimos.

Características básicas de uma rede social

O estabelecimento de relações nos espaços virtuais está ligado, em muitos casos, à lógica de ação das redes sociais e, por isso mesmo, vale a pena explorar brevemente o significado do que se entende por *dinâmica* e *flexibilidade* dentro desse contexto.

A *dinâmica* entre seus participantes refere-se à forma de interação entre eles. Pode ser entendida como o movimento existente em uma rede, como a quantidade e o tipo de conexões estabelecidas entre os participantes, por exemplo, ou o fluxo de pessoas que entra e deixa a rede.

Cada rede social tem sua própria dinâmica, e isso está ligado de alguma maneira à própria arquitetura da tecnologia sobre a qual é construída a interação social. As listas de *e-mail*, um dos exemplos mais antigos de redes, têm uma dinâmica consideravelmente diferente, geralmente mais lenta, do que conexões instantâneas em redes sociais via celular. Mas não só a velocidade caracteriza a dinâmica de uma rede. O tamanho da mensagem trocada, por exemplo, depende do tipo e dos participantes de cada rede – para manter um exemplo, em uma lista de *e-mails* as mensagens tendem a ser mais longas e mais profundas do que em *sites* de redes sociais.

Isso leva ao segundo ponto.

Nas redes sociais, os vínculos entre os indivíduos tendem a ser fluidos, rápidos, estabelecidos conforme a necessidade em um momento e desmanchado no instante seguinte. A noção de *flexibilidade* das redes sociais refere-se a essa característica dos laços existentes em uma rede – os vínculos criados podem ser transformados a qualquer momento, de acordo com sua dinâmica e com as características dos participantes.

Ao contrário de outros agrupamentos humanos, nos quais existem vínculos duradouros, fundamentados em valores mais ou menos compartilhados, nas redes não existe necessariamente a obrigação de ter um ritmo específico de atividades, assim como não se exigem ligações exclusivas. A flexibilidade de uma rede refere-se também à sua capacidade de mudar de tamanho conforme ganha ou perde participantes em sua dinâmica.

Apenas a título de comparação, instituições sociais como a família, o trabalho ou a religião tendem a ser mais rígidas para com seus membros do que

redes sociais – não se casa todos os dias, por exemplo, nem se muda de religião a toda hora. Nas redes, por seu turno, conexões são criadas, mantidas e/ou abandonadas a qualquer instante, sem maiores problemas.

A estrutura relacional das redes

Em termos de estrutura, uma rede é formada por *atores* que, por sua vez, se ligam em *nós*. Essa divisão não precisa ser levada às últimas consequências: em algumas situações, por exemplo, os atores podem servir como os nós de formação de redes sociais. Um *blog*, por exemplo, é ao mesmo tempo um ator dentro das redes formadas por *blogs* semelhantes e, ao mesmo tempo, um nó que abriga as interações sociais nos comentários de cada *post*. Os atores não precisam necessariamente ser humanos: uma empresa pode ser considerada um “ator” em determinada rede – a palavra “ator”, no âmbito das redes, está ligada à “ação”.

Uma das principais características das redes sociais é seu caráter *relacional*. Em uma rede, as relações entre os participantes dão o tom de seu funcionamento mais do que as características específicas de cada um.

Jogando um pouco com as palavras, trata-se não de uma relação apenas entre indivíduos, mas de uma relação entre *relações*, isto é, uma perspectiva mútua e recíproca sobre a maneira como as pessoas interagem. Em outras palavras, não interessa apenas como dois indivíduos se relacionam, mas também a maneira como essa interação interfere nas outras – daí a perspectiva de uma *relação* entre *relações*. Em uma família, por exemplo, a relação pai-mãe interfere diretamente na relação pai-filho, ainda que as características individuais sejam diferentes em cada uma.

Estrutura de relações entre redes sociais mostrando a relação entre os elementos (linha contínua) e entre as próprias relações (linha pontilhada)



KADUSHIN, C. *Understanding social networks*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTAELLA, L. & LEMOS, R. *Redes sociais digitais*. São Paulo: Paulus, 2010.

Nos *sites* de redes sociais, a possibilidade de acompanhar as interações entre os perfis é um dos elementos responsáveis por pautar outras relações e atitudes. Saber, via redes sociais, que um conhecido se interessou por um tema do qual também se gosta pode auxiliar em uma maior aproximação; por outro lado, interagir com o ex-relacionamento afetivo, por exemplo, pode provocar efeitos desastrosos no relacionamento atual.

Dessa maneira, o princípio de uma rede social é a natureza relacional de sua composição, definida por vínculos fluidos, flexíveis, e pelas várias dinâmicas dessas relações.

Articulações entre redes sociais e mídias digitais

O termo “redes sociais” cobre um vasto espectro de agrupamentos sociais *online* dedicados a todo o tipo de atividade. Na medida em que as redes se caracterizam pela existência de laços firmados a partir de interesses comuns, é possível verificar a formação de todo tipo de agrupamento para troca de informações, ideias e materiais, gerando não apenas uma interação entre os participantes no sentido de compartilhar conhecimentos, mas também o engajamento em questões políticas, sociais e culturais. O poder de mobilização exponencial das redes sociais as torna um fator relevante para se pensar elementos da vida fora da internet.

Aliás, a possibilidade de participar das redes *online* a partir de dispositivos portáteis, como celulares e *tablets*, de alguma maneira permite a transposição contínua das barreiras entre “mundo físico” e “mundo *online*”, em um grau de complementaridade entre as interações nas redes sociais digitais e àquelas desenvolvidas *offline*. Na medida em que as ações nas redes sociais *online* e na vida cotidiana se articulam de maneira cada vez mais próxima, os fatores políticos, sociais e econômicos podem ganhar em relevância.

Afinal, quem participa das redes *online* são seres humanos ligados às redes do mundo desconectado, e as interferências entre os dois ambientes, até certo ponto, são inevitáveis. Assim como o mundo real é levado para as redes sociais digitais, as discussões *online* têm o potencial de gerar atitudes e ações no mundo físico.

Isso leva a pensar, entre outros elementos, no poder político das redes sociais – a partir de um ponto de vista otimista, a arquitetura horizontal das redes permite aos participantes passarem por cima de barreiras institucionais e mesmo governamentais na troca de informações; por outro lado, é

possível pensar também até que ponto as redes sociais, de fato, são usadas para fins políticos e democráticos mais do que para saber quem mudou o *status* do perfil de “solteiro” para “casado”.

O caráter relacional do conceito de redes sociais, tal como desenvolvido pela Antropologia e pela Sociologia, permite uma compreensão das formas de interação social existentes a partir das conexões entre indivíduos ligados por um computador ou por algo parecido. E, sobretudo, permite compreender algumas características e limites dessas conexões, da profundidade das relações interpessoais à superficialidade de alguns *sites* de relacionamentos. Vale a pena, nesse sentido, explorar alguns pontos na história do conceito.

© *Redes de leituras*

ANTOUN, H. (org.). *Web 2.0*. Rio de Janeiro: Mauad, 2008.

FERNANDES, F. “*Pattern recognition*: William Gibson e a dinâmica das comunidades virtuais”. In: LEÃO, L. (org.). *Derivas*: cartografias do ciberespaço. São Paulo: Annablume, 2004.

PRIMO, A. (org.). *Interações em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

RECUERO, R. *A conversação em rede*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SANTAELLA, L. & LEMOS, R. *Redes sociais digitais*. São Paulo: Paulus, 2011.